

quello patriottico di *All'Italia* che infervorò la generazione di Castilho. Tuttavia, sottolinea Tabucchi, l'interpretazione operata da Pessoa si dirige in direzione del conflitto tra natura e ragione, concentrandosi sull'immaginazione, sull'essere *altro* e, soprattutto, sulla contemplazione dell'infinito come "universo che si riproduce sempre uguale a se stesso", che accoglie in sé anche il tedio "esoterico" di cui l'eteronimia è intrisa. Il commosso *Canto a Leopardi* pessoano altro non è, in fin dei conti, che una lunga serie di interrogativi diretti ("Se è falsa l'idea, chi mi mette l'idea?"), i quali sembrano partecipare – suggerisce l'autore – di una "epistolografia virtuale" che anche Borges, probabilmente, avrebbe condiviso di buon grado.

ANDREA RAGUSA

Alessandro Manzoni, *Os noivos*, trad. **José Colaço Barreiros**, Prior Velho, Paulinas Editora [Coleção Biblioteca Indispensável], 2015, 727 pp.

Sob o título de *Os noivos*, publica-se a tradução do romance de Alessandro Manzoni *I promessi sposi* numa edição nos seus vários aspectos muito cuidada. O volume abre

com um prefácio de José María Poirier e termina com uma biografia de Manzoni de autoria do tradutor, José Colaço Barreiros. Além disso, é enriquecido por uma seleção das xilografuras que Francesco Gonin realizou para a primeira edição, que saiu em fascículos de 1840 a 1842.

A tradução molda-se ao original italiano com fluidez, de modo a acompanhar o estilo de cada momento do livro, entre os ouropéis barrocos da introdução, a pureza linguística do italiano toscanizado de Manzoni, as inflexões específicas de cada diálogo e toda aquela variedade de tons e emoções que são a seiva das suas páginas. José Colaço Barreiros apoia o seu trabalho no paralelismo entre a sintaxe italiana e a portuguesa, sem se deixar deslumbrar por práticas de transformação que a filologia mostra dispensáveis. Na verdade, na passagem do latim para o italiano e do latim para o português, a evolução destas duas línguas neolatinas seguiu vias paralelas no campo da sintaxe, o que isenta o tradutor de profundas reestruturações fráscas.

O apreço do público português pelo romance de Manzoni não é de hoje e foi imediato. Logo em 1841, Castilho dedica-lhe uma nota nas

páginas da *Revista Universal* (11, 9-12-1841) e no ano seguinte sai a sua primeira tradução portuguesa, assinada por um acrónimo, MPC-CDA. Por sua vez, em 1863-1864 surge nova tradução de Matos de Gusmão, *Os desposados*, feita a partir do francês, e nova edição sairá ainda em folheto no *Correio Nacional*. Seguem-se, já no século XX, as traduções da Editorial Inquérito e de Os Amigos do Livro.

Mas nenhuma delas resistiu ao tempo. Era pois absolutamente necessária uma versão que trouxesse *I promessi sposi* para o uso do português do século XXI, em conformidade com os requisitos linguísticos e culturais da actualidade e de modo a acompanhar o desenvolvimento que a prática e os estudos de tradução têm vindo a sofrer.

A inserção do romance de Manzoni na “Coleção Biblioteca Indispensável”, dirigida por José Tolentino de Mendonça, mostra, por si só, o valor da obra agora de novo apresentada em língua portuguesa.

I promessi sposi / Os noivos insere-se no filão do romance histórico, possuindo porém características muito específicas que o individualizam e o distinguem como obra-prima da narrativa oitocentista. A acção decorre de 1628 a 1630,

entre Adda, o Lago de Como e Milão. Em 1821, Manzoni começa a compilar um dossiê a partir de crónicas e documentos sobre a história de Milão no século XVII. Dois anos depois, está pronta uma primeira redacção do romance que se costuma designar como *Fermo e Lucia*. É ainda um esboço, com digressões, cenas soltas e contrastes entre o bem e o mal, escrito numa linguagem compósita que aglutina palavras toscanas, lombardas e galicismos. Acrescenta-se-lhe a *Appendice storica sulla colonna infame*, com os processos instruídos aquando da epidemia de peste de 1630. Sucessivamente, é objecto de uma profunda reestruturação. Ganha carácter orgânico, um tom harmonioso e, sem o apêndice, é pela primeira vez editado em 3 volumes que saem em 1827, a chamada edição “Ventisettana”.

Mas Manzoni estava ainda insatisfeito e queria pesar e filtrar a língua que tinha usado. Faz então uma estadia em Florença, “per risciaquar si i panni in Arno” (‘enxaguar a roupa no Arno’), citando a célebre imagem através da qual se lhe refere. Assim tem ocasião de conhecer melhor a linguagem falada pelos grupos cultos de Florença, para a usar na nova redacção, a de

finitiva, que é resultado de uma revisão predominantemente linguística. A edição, a expensas do autor (1840-1842), prima pela elegância. É acompanhada pelas gravuras que a Paulinas Editora agora nos apresenta, e também por uma versão mais alargada da *Appendice*, que em 1991 foi traduzida para português por José Colaço Barreiros.

São vários os factores que fazem deste romance uma obra-prima. A procura de uma síntese autêntica entre estética, razão, história e fé, nos termos em que é levada a cabo nas suas páginas, é uma das mais acutilantes questões que se coloca ao homem dos nossos dias. Manzoni acredita que rigor histórico e criatividade autoral podem coexistir na obra narrativa, de forma a desvelar o sentido profundo do humano e os fundamentos da razão e da fé. Um dos contributos essenciais para alcançar esse patamar é o respeito pela verdade histórica na sua completude, de forma a captar e compreender os problemas dos que sofrem, dos que são vítimas de prepotência, enfim, daqueles de que a história oficial não fala. O mal não é, para o escritor, um facto metafísico, mas responsabilidade do comportamento do homem, o qual torna ilegível o

fio racional que Deus derrama na história, com a certeza de que o sofrimento injustamente vivido Lhe pode ser oferecido como remissão dos pecados da humanidade.

Da mesma feita, este intento reclama estratégias que levam as populações de uma Itália linguística e politicamente dividida a fazerem-no seu. Manzoni usa uma língua tanto quanto possível englobante e desenvolve uma matéria capaz de tocar todos os italianos, contando a sua verdade. Identifica essa língua nos termos acima descritos e escolhe um período de caos político e social para situar a acção, a Milão do século XVII em tempos de peste e desgoverno, o que se presta a contar a vida de pessoas humildes, talvez sugerindo um paralelo com a Milão do seu tempo, ocupada pelos austríacos. Não recua, pois, à Idade Média, como tantos dos cultores do romance histórico (de Walter Scott a Alexandre Herculano). Tratar a Idade Média requeria o alargamento do espaço do imaginário narrativo, por se tratar de uma época menos documentada, e Manzoni perseguia uma estética da verdade, da razão e da fé.

Se fosse necessário atestar a eficácia desses propósitos, bastaria evocar as frases, as tiradas e as si-

tuações do romance que, nos tempos que correm, são correntemente usadas na interacção quotidiana dos italianos.

Graças a esta edição, fica assim disponível, em língua portuguesa,

uma obra dotada de uma extraordinária densidade conceptual, que é um marco fundamental da narrativa do século XIX e que continua a atrair o leitor dos nossos dias.

RITA MARNOTO